



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO
SENSU
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA
PSICANALÍTICA
2011-2013

Coordenadora: Profa. Dra. Terezinha de Camargo Viana

Apresentado por: Luciana de Faria Benigno

Orientado por: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

BRASÍLIA, 2013

O Olhar: condição básica para a constituição psíquica

Apresentado por: Luciana de Faria Benigno

Orientado por: Profa. Dra. Eliana Rigotto Lazzarini

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo investigar a importância do olhar para a constituição psíquica e mostrar como determinadas características desse olhar podem acarretar prejuízos para o sujeito. Visou-se discutir ainda, especificamente, a pulsão escópica e sua participação na constituição do psiquismo. Para se constituir como sujeito, é necessário não apenas que a criança se olhe, como também de que alguém a olhe, legitimando sua existência, para que ela possa vir a desejar. O olhar é, assim, levado a outro estatuto, visto que não se pode constituir o sujeito sem a presença do olhar do outro. Entretanto, não se trata de qualquer olhar, da ordem da visão, e sim, de um olhar que invista libidinalmente na criança.

Palavras-chave: sujeito, olhar, constituição psíquica, psicanálise.

Abstract

The aim of this paper is to investigate the importance of the gaze on psychic constitution process and show how specific characteristics of the gaze can cause damages to the subject. It also intended to discuss, specifically, scopic instinct and its participation on psychic constitution. To constitute the subject, it is necessary not only that the child looks at herself, but also that someone outside looks at them, legitimating her existence, so that she is able to desire. The gaze is, then, given another status, considering that it is impossible to constitute the subject without the presence of the gaze of the Other. Although, this is not about any gaze, but a gaze that invests libidinally on the child.

Key-words: subject, gaze, psychic constitution, psychoanalysis.

SUMÁRIO

Desamparo primordial	5
Constituição psíquica: do autoerotismo ao narcisismo	6
A “nova ação psíquica”	9
O olhar e a constituição psíquica	11
Diferentes olhares, diferentes efeitos sobre o sujeito	14
Pulsão escópica e sua importância	16
CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

Desamparo primordial

Um dos principais temas discutidos em psicanálise é a constituição psíquica do ser humano, visto ser um assunto complexo. Partindo-se de um desamparo primordial e originário, há que se percorrer um longo e delicado caminho até que se chegue à constituição do sujeito. Durante esse processo uma série de percalços pode ocorrer, trazendo profundas consequências para o psiquismo do sujeito em questão.

Freud utiliza o termo desamparo, *Hilflosigkeit* em alemão, como o estado do recém-nascido de dependência total de outrem para a satisfação de suas necessidades; ele não é capaz de realizar a ação que minimize seu desprazer (Laplanche & Pontalis, 2008). A respeito disso, Freud (1925) afirma:

“O fator biológico é o longo período de tempo durante o qual o jovem da espécie humana está em condições de desamparo e dependência. Sua existência intra-uterina parece ser curta em comparação com a da maior parte dos animais, sendo lançado ao mundo num estado menos acabado. (...). Além disso, os perigos do mundo externo têm maior importância para ele, de modo que o valor do objeto que pode somente protegê-lo contra ele e tomar o lugar da sua antiga vida intra-uterina é enormemente aumentado. O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida (Freud, 1925, p.151).”

Freud (1895) observa que, para que haja uma eliminação do estímulo causador de desprazer, é necessária uma intervenção que modifique o mundo externo, isto é, a realização de uma “ação específica” (p.370). O organismo humano, em seu desamparo primordial, não é capaz de realizar tal ação; ele necessita que outro a promova. Uma vez feita a ação, o organismo desamparado pode vivenciar uma experiência de satisfação, já que agora o estímulo causador de desprazer pode ser removido. Freud argumenta ainda que essa experiência de satisfação implicaria na constituição de imagens mnêmicas que,

com o ressurgimento do estado de urgência ou de desejo, seriam reativadas. Tal reativação levaria o organismo a vivenciar uma percepção, uma alucinação.

Em um momento bastante inicial de sua obra, Freud já estabelece a absoluta necessidade de que um outro, alguém externo ao bebê, venha a intervir para que ele possa sobreviver e se desenvolver.

Constituição psíquica: do autoerotismo ao narcisismo

Em *À guisa de introdução ao narcisismo*, Freud (1914) fala sobre a onipotência dos pensamentos encontrada em alguns povos primitivos e que seria caracterizada por uma supervalorização do poder de desejos e de atos psíquicos, como se estes tivessem uma espécie de poder mágico. A criança teria uma atitude semelhante diante do mundo exterior, em que tudo parece girar ao seu redor. Ela crê que as modificações que acontecem no mundo externo são como criações dela, como o seio que chega até sua boca. Freud chega à conclusão de que primeiramente o Eu estaria investido de libido, e posteriormente parte desta libido seria investida em objetos, sendo que ela ficaria fundamentalmente retida no Eu.

Em um primeiro momento, o bebê encontra-se em uma fase autoerótica, caracterizada pela obtenção de satisfação em seu próprio corpo, sem a busca de um objeto exterior. Outra característica fundamental do autoerotismo é a ausência de uma imagem unificada do corpo; há, ao contrário, uma fragmentação, não havendo nem mesmo um “primeiro esboço do ego” (Laplanche & Pontalis, 2008, p.47).

Pelo autoerotismo, a pulsão satisfar-se-ia no próprio corpo; fonte e objeto da pulsão coincidiriam (Mezan, 2006). O sugar ou chupar seria como uma espécie de

modelo dessa fase. Por meio dessas ações, o bebê buscaria o prazer já vivido quando mamava no seio materno. Dessa maneira, os lábios da criança tornar-se-iam uma zona erógena. Freud (1905) defende que a satisfação originada dessa zona erógena provavelmente foi associada à necessidade de alimento da criança. A atividade sexual estaria originariamente ligada a uma função de manutenção da vida e, posteriormente, tornar-se-ia independente.

Freud (1914) afirma que o Eu não está presente desde o início no indivíduo, ele precisa ser desenvolvido. Para isso, é preciso que se passe do autoerotismo, em que o eu ainda não está desenvolvido; ao narcisismo, em que há uma “unificação das pulsões até então dispersas pelos órgãos, porque consiste no investimento do ego por parte delas (Mezan, 2006, p. 360)”. Tal processo exigiria a implementação do que Freud (1914) chama “nova ação psíquica” (p.99), questão que será discutida posteriormente. Essa ação possibilitaria a constituição do narcisismo.

Inicialmente, não se pode distinguir entre a libido do ego e a libido objetal, pois elas coexistem no narcisismo. Com o início do investimento nos objetos é que passaria a haver uma distinção entre elas. Assim, parte da libido investida no eu seria repassada aos objetos, podendo ser recolhida novamente. Freud (1914) fornece um bom exemplo quando afirma que o maior estágio de desenvolvimento da libido objetal seria o estado de apaixonamento, em que ocorre um investimento extremamente intenso no objeto em detrimento do investimento no próprio eu. Dessa forma, a libido do ego estaria esvaziada em favor da libido objetal, podendo, entretanto, voltar a ser investida no ego posteriormente. Em outras palavras, quando uma libido é consumida, a outra se esvazia e vice-versa.

A dimensão libidinal do narcisismo é tão complexa que levanta uma série de discussões. Laplanche e Pontalis (2008), por exemplo, a partir de uma visão que

considera a permanência de um investimento libidinal do ego, compreendem que o narcisismo não seria uma fase da evolução sexual, e sim um estado constante, uma vez que ele nunca será totalmente ultrapassado por qualquer investimento de objeto.

Ribeiro (2000) defende que Freud, no texto sobre o narcisismo, apresentaria duas correntes opostas. Uma que traria uma “concepção anobjetal” do narcisismo, em que o investimento objetal seria uma etapa posterior ao investimento libidinal somente no eu; e outra que Ribeiro chama de “concepção intersubjetiva do narcisismo” (pág.31), segundo a qual a relação com o outro é base para a constituição do narcisismo. O autor prossegue argumentando que é praticamente impossível pensar em um narcisismo anobjetal, em que haveria um “fechamento sobre si mesmo” (p.17), sem relação com o objeto. Ele relembra que mesmo nas situações em que o narcisismo parece ter alcançado seu estágio máximo, Freud não deixa de assinalar a relação com o objeto. A própria expressão *His majesty the baby* demonstra que o narcisismo primário não está desvinculado do narcisismo dos pais, visto que o comumente chamado amor incondicional dos pais pode ser visto como, nada mais, que o renascimento do narcisismo deles. Dessa forma, somente pela existência de um Outro que invista no bebê, é possível que ele venha a ser “Sua Majestade, o bebê”.

Os pais tendem a atribuir à criança inúmeras qualidades, encobrando e negando qualquer defeito, e tentando torná-la imune aos sofrimentos, renúncias e privações que eles mesmos vivenciaram. Eles já tiveram de abandonar seu narcisismo anteriormente, assim, parecem buscar um modo de garantir que a criança tenha acesso ao que eles já tiveram de abdicar em determinado momento. Ela se torna uma espécie de depósito das expectativas dos pais, será capaz de realizar os sonhos e desejos deles, ser aquilo que os pais não puderam ser. Em outras palavras, o amor dos pais pelos filhos nada mais é que o narcisismo deles atualizado (Freud, 1914).

A “nova ação psíquica”

A “ação específica” de que fala Freud em 1895 (p.370), parece se aproximar da “nova ação psíquica” defendida por ele em 1914 (p.99) no texto sobre o narcisismo, como a ação necessária para que se dê a passagem do autoerotismo ao narcisismo, na medida em que ambas devem ser realizadas por outro, por alguém externo. Entretanto, Freud não deixa claro qual é essa nova ação psíquica, de que se trata exatamente esta ação, abrindo espaço para que muitos autores desenvolvam teorias a seu respeito.

Mezan (2006) destaca que no autoerotismo haveria uma continuidade primordial entre o bebê e o seio materno, visto que o primeiro ainda não tem uma vivência de seu próprio corpo, incluindo o seio como um órgão seu. Desse modo, para o autor, o novo ato psíquico implicaria uma ruptura dessa continuidade entre mãe e bebê. A partir dessa ruptura seria possível o início da distinção entre um eu e um objeto, entre um eu e um outro. Os primeiros limites eu-outro, dentro-fora, começariam a se estabelecer, já que com essa quebra a libido fluiria para um dos polos da continuidade entre bebê-seio/mãe.

Jerusalinsky (2002), a partir de uma leitura de inspiração lacaniana, afirma que a ação de que fala Freud refere-se a uma espécie de leitura que o agente materno faria “com seu saber consciente e inconsciente a partir do choro do bebê, tomando este choro como a ele dirigido e outorgando-lhe significação (p.57)”. Os pais fariam um investimento libidinal em seu bebê, uma aposta de que desse bebê advirá um sujeito. Trata-se, no entendimento de Laznik (2004), de olhar e ouvir o que ainda não está aí para que futuramente isso possa emergir. É o desejo dos pais, tomados pelo renascimento de seu próprio narcisismo, que possibilita que se passe da condição de ser desejado à condição de desejar, da condição de ser falado a falar.

A dependência das crianças não é, desse modo, apenas da ordem biológica, ela é acima de tudo uma dependência de amor e de desejo. A criança está em uma situação de desamparo perante o desejo do Outro. É necessário que o desejo da mãe, ou de quem quer que desempenhe essa função, seja dirigido a ela, para que ela possa existir e se constituir como sujeito (Rocha, 1999).

André (2001) acrescenta que, devido à essa dependência que o sujeito tem do outro, o espaço psíquico acaba por ser externo, ou seja, um espaço fora-de-si. A constituição do psiquismo está baseada de forma tão radical na relação com o outro, que a interioridade do sujeito seria quase como um privilégio do outro.

Uma das questões mais fundamentais no processo de constituição psíquica é o estabelecimento do circuito pulsional. Desde o início, há uma força pulsional que se impõe, mas somente o outro é capaz de transformá-la em um circuito pulsional.

A presença do outro é que possibilita a criação de novos destinos para essa força pulsional, de forma a se alcançar uma ordem vital. A vida seria dada ao sujeito pela erogeneização de seu organismo, realizada pelo Outro. Isso é possível a partir tanto dos cuidados maternos com o corpo do bebê quanto pela nomeação feita pela mãe - ou por quem desempenhe essa função - das necessidades vitais da criança. Dessa maneira, a vida não seria algo inerente, e sim algo da ordem de uma transmissão, de um dom oferecido pelo Outro (Birman, 1999).

A instauração do circuito pulsional é possível, assim, a partir da linguagem, pois ela ocorrerá em função do significante que o Outro supõe nos sinais emitidos pelo bebê, da nomeação feita pelo Outro. A única saída é, desse modo, submeter-se ao Outro e à leitura feita por ele, o que produz marcas significantes e insere a criança no campo da linguagem (Jerusalinsky, 2002).

Como se observa, é absolutamente inegável a importância do outro na constituição psíquica do sujeito. Mas qual é o papel desempenhado pelo olhar nesse processo? Qual olhar é lançado por uma mãe, ou quem quer que cumpra essa função, ao seu bebê para que ele venha a se constituir como sujeito? Podemos falar em uma série de olhares, um olhar que atravessa, um olhar que se fixa, um olhar que devora, que perfura, etc. Cada um desses olhares produzirá efeitos sobre a criança que os recebe ou, no caso do olhar que atravessa, por exemplo, que não os recebe.

O olhar e a constituição psíquica

Uma das grandes contribuições teóricas de Lacan (1949) é sua proposta do “estádio do espelho” (p.96) que podemos entender como intimamente relacionada à nova ação psíquica de que fala Freud. Esse estágio ocorreria geralmente entre 6 e 18 meses e consistiria na colocação do bebê em posição ereta por alguém, diante do espelho. O espelho ofereceria ao bebê uma imagem dele mesmo como um todo, quando, psiquicamente, ele ainda não o é, pois ainda não há eu nessa fase, não há sujeito aí. O bebê olharia para quem o segura, buscando uma espécie de confirmação daquilo que vê. É nesse momento, então, que ele assume uma imagem, com um sentimento de puro júbilo, pois, por meio de seu reflexo no espelho, ele tem o sentimento de unidade, de integração, que possibilitará sua relação com os outros. Contudo, essa imagem só é possível graças à pré-existência da função desejante desse Outro, que é o Grande Outro. O bebê não pode prescindir da confirmação do Outro: de que sim, é a sua imagem que está refletida no espelho.

O estágio do espelho demonstra a importância primordial do olhar, já que para que a criança venha a se constituir como sujeito, possa vivenciar seu corpo, delimitá-lo, ela necessita não apenas olhar-se como também de que alguém a olhe, veja a sua

imagem, confirme, legitime e reconheça a sua existência. Entretanto, não se trata aqui de uma mera existência, e sim de uma existência que possa vir a desejar.

Lazzarini (2006) fala sobre a noção de corpo erógeno, o qual seria o corpo específico de que trata a psicanálise, “o corpo (...) que evidencia a sexualidade [e] traz à tona, posteriormente, uma lógica dada pelo erotismo e regulada pelo desejo” (p.114). Trata-se de um corpo que não pode mais ser definido somente pela noção de organismo ou do somático, pois ele está apoiado no conceito de pulsão, entre psíquico e somático, fundado sobre uma articulação particular entre corporeidade e subjetividade. Pela noção de pulsão podem existir o corpo autoerótico, fragmentado, e o corpo narcísico, unificado, bem como a passagem entre eles, que somente será possível com a existência e presença do olhar do Outro, como no estágio do espelho.

A respeito do estágio do espelho, Nasio (2009) defende que o sentimento de júbilo da criança ao ver sua imagem supõe uma identificação dela mesma com sua imagem. Entretanto, seu encantamento não seria apenas de ver-se, e sim de ver-se humana; isso provocaria nela fascinação e alegria.

Em seu artigo *O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*, Winnicott (1967), influenciado pelo estágio do espelho de Lacan, traz importantes contribuições. Ele afirma que a separação eu/não-eu acontece de acordo com o ritmo do bebê e seu ambiente e que está intimamente ligada à separação da mãe como algo percebido pelo bebê. O precursor do espelho para o bebê seria, então, o próprio rosto da mãe, onde ele veria a si mesmo. Um dos problemas seria quando o bebê olha para o rosto da mãe e não consegue ver a si mesmo, pois ela reflete o humor dela mesma e até suas defesas. Quando isso acontece, ele busca no ambiente outras formas de obter algo de si, mas se continua a não encontrar, se sua mãe continua não

respondendo, sua capacidade criativa pode iniciar um processo de atrofiamento. Permanecendo nessa direção, o bebê caminha para a patologia. Portanto, Winnicott (1967) fala, de um modo quase poético, em uma dependência de ser visto:

“Quando olho, sou visto; logo existo. Posso agora me permitir, olhar e ver. Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo. Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto (a menos que esteja cansado (p.157).”. [grifo do autor].

Comentando o artigo de Winnicott, citado acima, Nasio (2009) afirma que “o primeiro espelho em que a criança descobre sua imagem é o rosto enternecido de sua mãe. Assim, o bebê sente-se existir no brilho do olhar emocionado que sua mãe lhe dirige” (p.172). Esse brilho no olhar de que fala Nasio pode ser entendido como o seu desejo voltado à criança, o investimento da mãe em seu bebê e, naturalmente, como expressão de seu próprio narcisismo.

Laznik (2004) afirma que a experiência do corpo pela criança está intimamente associada a uma “articulação complexa entre sua realidade orgânica” e o que ela chama de “olhar dos pais” (p.24). Cabe ressaltar que o que aqui se chama olhar não é da ordem da visão, e sim de um investimento libidinal dos pais em seu bebê, trata-se de um olhar particular, pois é ele que permite à mãe ouvir, nos balbucios do bebê, mensagens significantes. É esse olhar que estabelece a possibilidade da construção da imagem do corpo da criança, bem como sua relação com semelhantes.

Em uma discussão a respeito da estimulação precoce de bebês, Jerusalinsky (2002) afirma que há muitas intervenções baseadas na concepção de que quanto maior a quantidade e diversidade de estímulos, maiores os benefícios para o desenvolvimento do bebê. Todavia, estudos com bebês prematuros demonstram que a exposição contínua

a estímulos, como luz e ruídos, tem efeitos muito mais prejudiciais que benéficos. Desse modo, é preciso focar não no aspecto quantitativo, mas no qualitativo, em que a mãe possa realizar a ação específica de que fala Freud (1895). Um dos fatores mais importantes quando se fala do aspecto qualitativo dos estímulos, é justamente o seu alvo, isto é, a quem se dirige este ou aquele estímulo. Na rotina, os pais não buscam estimular um órgão específico do bebê, como suas pernas; o que se busca atingir e incentivar é o bebê como um todo. Jerusalinsky (2002) afirma:

É porque se dirigem ao bebê, porque este é o ‘alvo’ que têm na mira do desejo, que surgem os efeitos concomitantes de *olhá-lo*, aproximar-se dele e falar-lhe de modo convocante. E é por efeito de tal convocatória, deste circuito de demanda e desejo do Outro em que a pulsão do bebê é enlaçada, que pode vir a surgir a realização de uma ação na qual a satisfação pulsional do bebê fique implicada (...). (p.61). [grifo nosso].

A mãe dá suporte ao circuito pulsional do bebê com base em seu próprio circuito pulsional. Ela pode se fazer tanto sujeito quanto objeto em relação ao bebê. O corpo do bebê é erogeneizado pelo agente materno a partir do que se pode chamar as três vezes da pulsão: ativa, passiva e reflexiva. Em relação ao olhar, pode-se estabelecer olhar, ser olhado e fazer-se olhar (Jerusalinsky, 2002).

Diferentes olhares, diferentes efeitos sobre o sujeito

Em um estudo sobre autismo, Laznik (2004) afirma que uma síndrome autística pode ser entendida como a “tradução clínica da não-instauração de um certo número de estruturas psíquicas que, por sua ausência, só podem acarretar déficits de tipo cognitivo, entre outros (p.21).”. A autora destaca, então, que é devido a não instauração de estruturas psíquicas que há deficiências, déficits; é nessa ordem que o processo se dá.

Essa não instauração pode ser entendida como consequência de uma falha ou lacuna na construção do laço entre os pais e a criança, condição básica para que o sujeito advenha.

Laznik (2004) trabalha com a atenção a dois principais sinais para a investigação de um prognóstico autístico, quais sejam, o não-olhar entre mãe-bebê, especialmente se a mãe não percebe isso, e o *fracasso do circuito pulsional completo* (grifo da autora). O primeiro sinal, mesmo que não evolua para uma síndrome autística demonstra uma dificuldade na relação especular com o outro. Nesse sentido, caso não haja uma intervenção, o estágio do espelho, proposto por Lacan (1949) não ocorrerá, ou ocorrerá de modo insatisfatório.

Em seu livro *O sorriso da Gioconda: clínica psicanalítica com bebês prematuros*, Mathelin (1999) relata o caso de Isabelle e Léa, que demonstra de modo contundente um dos tipos de olhar que se pode dirigir a uma criança.

O parto fora longo e difícil. Quando, de volta ao quarto, Isabelle enfim só e acalmada se debruçara sobre o berço da filha, sentira subir do mais fundo de si um calor desconhecido, a sensação de uma volúpia estranha que a invadia inteira. Pegou a filha no colo, *devorou-a com o olhar*, sentiu seu cheiro, colocou sua pele na dela. (Mathelin, 1999, p.124). [grifo nosso].

Isabelle, mãe de Léa, tomada pela relação com sua própria mãe, vive a ambivalência do medo e do encantamento quando do nascimento da filha, que nasce prematura e posteriormente apresenta leve atraso de linguagem, com sintomas fóbicos e ataques de pânico. Isabelle sente medo de devorar sua filha com o olhar, mas também sente medo de que o olhar da filha a engula. Não encontra palavras para falar com Léa, evita ficar sozinha com ela, evita o contato corpo a corpo, e acaba por desenvolver uma fobia também. Estar distante da filha, vendo-a na incubadora, significava para ela protegê-la e proteger-se. Essa configuração agrava-se pela ausência do pai, que pudesse

fazer o corte entre mãe e filha, de modo a talvez neutralizar o olhar devorador. Essa função será desempenhada pela própria fobia.

O sintoma fóbico, ao propor um objeto terrificante, vem parar o olhar. Ele marca o limiar intransponível, o limite para além do qual não se pode ir, para além do qual não se pode mais nem olhar, nem ser visto. Caso se arrisque a ir mais longe, o perigo é tal que o sujeito pode ser apagado até o desvanecimento do corpo (Mathelin, p.130).

Pulsão escópica e sua importância

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud (1905) afirma que a via mais comum por meio da qual a excitação libidinosa é despertada é a impressão visual, isto é, o olhar. O desenvolvimento do objeto sexual ocorre em termos de beleza, de atração. Ele afirma: “O olho, talvez o ponto mais afastado do objeto sexual, é o que com mais frequência pode ser estimulado na situação de cortejar um objeto, pela qualidade peculiar cuja causa no objeto sexual costuma ser chamada de beleza” (Freud, 1905, p. 198). A estimulação dos olhos traria prazer, o aumento da excitação sexual ou ainda a produção dela.

Com a civilização, a tendência foi de ocultação gradativa do corpo, o que promoveria um aumento da curiosidade sexual, a qual poder ser sublimada para a arte por exemplo. Daí viria a escopofilia, o prazer de ver. Freud (1905) destaca que esta só se tornaria uma perversão quando está limitada exclusivamente aos genitais, quando se liga à superação do asco, e quando substitui o objeto sexual normal, em vez de funcionar apenas como uma etapa preliminar. Um exemplo que configura tal situação é o exibicionismo, em que o sujeito exhibe sua genitália para ver, em troca, a genitália do outro. O alvo sexual pode, então, apresentar-se de um modo duplo; ativo (olhar) ou

passivo (ser olhado). Tanto nos casos de escopofilia quanto nos de exibicionismo, o olho funciona como uma zona erógena (Freud, 1905).

A escopofilia teria como força oposta a vergonha, a qual está ausente nas crianças, provocando uma grande satisfação no desnudamento do corpo. Dessa maneira, a pulsão de ver estaria presente não apenas pelo efeito da sedução, ponto de vista ainda defendido por Freud (1905) quando escreveu os *Três Ensaio...*, como também pela manifestação sexual espontânea. A masturbação representaria o interesse pela própria genitália levando, conseqüentemente, ao surgimento da curiosidade pelos genitais dos seus pares, que pode ser satisfeita em oportunidades como a micção e defecação. Dessa forma, as crianças tornar-se-iam *voyeurs*.

Em *Pulsões e Destinos da Pulsão* Freud (1915) estabelece quatro componentes da pulsão, quais sejam, fonte, pressão, meta e objeto. Os quatro destinos ou vicissitudes consistiriam na transformação em seu contrário, redirecionamento contra a própria pessoa, recalque e sublimação. A transformação em seu contrário se desdobra na mudança de uma pulsão da atividade para a passividade e na inversão de conteúdo. O par vontade de olhar – exibição (olhar – ser olhado), especificamente, é um exemplo da mudança de uma perspectiva ativa para uma passiva. Freud (1915) analisa mais profundamente a pulsão escópica, construindo o seguinte esquema, desenvolvido em três tempos:

α) a própria pessoa ficar contemplando um órgão sexual	\rightarrow	órgão sexual ser olhado pela própria pessoa
β) a própria pessoa ficar contemplando outro objeto (prazer ativo de olhar)		γ) o objeto situado na própria pessoa ser olhado por outra pessoa (prazer de mostrar, exibição)

(Freud, 1915, p.154)

O primeiro tempo corresponderia ao olhar como atividade, ficar olhando um objeto que se encontra no próprio corpo, em que a pulsão escópica seria autoerótica. Com a reversão ao seu oposto, haveria uma espécie de prazer do órgão de ser olhado, um exibicionismo do próprio órgão, o que apresenta uma dimensão narcísica. No segundo tempo, há uma escopofilia ativa, o prazer de olhar ativamente. O terceiro tempo constitui-se pelo caráter exibicionista, o prazer de mostrar, com a introdução de um estranho, um outro para quem o sujeito se exhibe. Freud (1915) destaca, entretanto, que todas as fases de desenvolvimento da pulsão estão sempre presentes, “subsistindo lado a lado” (p.155).

Há uma interessante relação entre autoerotismo e narcisismo no que concerne à pulsão de olhar. Freud (1915) afirma que “(...) a etapa preliminar da pulsão de olhar – na qual o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto – pertence ao narcisismo, ou seja, é uma formação narcísica (p.156).”. Quinet (2004) defende que o *voyeurismo* deixaria o próprio corpo, mas o exibicionismo se sustentaria, visto que a pulsão de olhar em sua forma passiva conservaria o objeto narcísico. A pulsão escópica estaria, dessa maneira, sempre vinculada ao narcisismo.

Em relação à pulsão de olhar, apesar de inicialmente seu objeto ser uma parte do próprio corpo, Freud (1915) destaca que não se trata do olho em si. Quinet (2004) defende que foi necessária a teoria lacaniana para que se estabelecesse que o objeto da pulsão escópica nada mais é que o olhar.

Compreender o próprio olhar como o objeto da pulsão escópica implica em conferir a ele uma maior importância para o sujeito e, conseqüentemente, um maior destaque dentro da teoria psicanalítica. Ao mesmo tempo, é muito interessante e curioso o fato de que a pulsão escópica não seja sustentada por uma demanda, como as pulsões

anal e oral. Não existe uma “fase escópica no desenvolvimento libidinal, pois o escopismo é constituinte da libido, do próprio desejo – eis porque a pulsão escópica é paradigmática da pulsão sexual” (Quinet, 2004, p.11). Haveria, assim, uma função háptica presente na pulsão escópica, já que se pode despir, tocar ou mesmo acariciar com os olhos.

Assim como a atividade sexual de ver é derivada do tato, o desejo despertado pela visão do corpo escondido pelas roupas impele o sujeito a desnudar o outro, ou seja, ver é tocar e o ato de tocar é guiado pelo olho que “erogeneíza” o corpo (Quinet, 2004, p.74).

O trecho acima demonstra muito claramente que falamos de um olho, ou de um olhar, que não são da ordem da visão, e sim de um olho/olhar que erogeneíza o corpo, investe libidinalmente. O agente materno erogeneíza o corpo da criança, assim, não apenas quando toca seu corpo com as mãos, mas, acima de tudo, com seus olhos.

CONCLUSÃO

Não resta dúvida de que a constituição psíquica é um processo delicado e fundamental e de que a participação do Outro, de alguém externo é crucial para que ela ocorra. Trata-se não apenas dos cuidados físicos dispensados ao bebê, como vimos, mas acima de tudo, do investimento libidinal feito pelo Outro. Sem um Outro que possa fazer o investimento na criança, que faça essa espécie de aposta de que dela advirá um sujeito, não pode haver sujeito.

É justamente a combinação entre os cuidados físicos maternos e a nomeação do que se apresenta nos balbucios do bebê, por exemplo, que um destino pode ser dado à força pulsional que se impõe desde o princípio. O circuito pulsional só pode ser

estabelecido desse modo, por meio da submissão da criança ao desejo do Outro, à leitura que ele faz dos sons que ela emite.

O investimento libidinal ocorreria principalmente na forma do olhar, isto é, da forma que se olha essa criança. Aqui, não se fala em um olhar da ordem da visão, e sim de um olhar que tem uma “função háptica” (Quinet, 2004, p.11), capaz de acariciar e tocar. Assim, os diversos tipos de olhares causarão diferentes efeitos sobre o processo da constituição do sujeito, pois é o olhar que possibilitará que a criança experimente seu próprio corpo, integrado e unificado, constituindo um eu.

A questão da nova ação psíquica, de que fala Freud (1914), necessária para que se passe do autoerotismo ao narcisismo é um assunto que levanta muitas dúvidas, já que ele não deixa claro do que se trata exatamente essa ação psíquica. Entretanto, parece ser impossível desvinculá-la do olhar. O estádio do espelho, proposto por Lacan (1949) e a função háptica do olhar demonstram de modo decisivo a participação do olhar para que a criança venha a vivenciar um corpo narcísico, integrado.

Considerando que o corpo em psicanálise é um corpo particular, específico, como demonstrado por Lazzarini (2006), podemos pensar também em um olho/olhar levado a outro estatuto. Ora, uma vez que a pulsão escópica não está sustentada por nenhuma demanda, como as pulsões oral e anal, e que é parte da própria pulsão sexual, constituinte da libido (Quinet, 2004); não se pode deixar de conceder ao olho/olhar um caráter peculiar e especial dentro da teoria psicanalítica.

Há sempre uma vinculação íntima entre pulsão escópica e narcisismo. Como vimos, Laplanche e Pontalis (2008) defendem que o investimento libidinal no ego é permanente, pois o narcisismo nunca será completamente superado por nenhum investimento em objeto. Tal argumento é corroborado pelo fato de que a pulsão de olhar

preserva sempre o objeto narcísico. A importância do olhar se faz presente, então, desde o momento mais originário da vida do indivíduo, referente à sua constituição psíquica, perdurando por toda a vida adulta.

Não se pode, assim, prescindir do olhar. Não poderíamos ser, nem continuar a ser, sem o olhar. O olhar tem tal potência, que pode ser criador, inventor, e também fulminante, fatal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, J. (2001). Entre angústia e desamparo. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4 (2), 95-109.

BIRMAN, J. (1999). A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 9 (2), 09-30.

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I, p.369-372. Edição Standard Brasileira.

_____(1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.VII. Edição Standard Brasileira.

_____(1914). À guisa de introdução ao narcisismo. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I. Obras Psicológicas de Sigmund Freud.

_____ (1915). Pulsões e destinos da pulsão. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente / coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I. Obras Psicológicas de Sigmund Freud.

_____ (1925). Inibições, sintomas e ansiedade. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XX. Edição Standard Brasileira.

JERUSALINSKY, J. (2002). *Enquanto o futuro não vem: A Psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador, BA: Editora Ágalma.

LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: ZAHAR.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. (2008). *Vocabulário da Psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes.

LAZZARINI, E.R. (2006). *Emergência do narcisismo na cultura e na clínica psicanalítica contemporânea : novos rumos, reiteradas questões*. Tese de Doutorado. UnB. Brasília, DF.

LAZNIK, M. C. (2004). *A voz da sereia - O autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Textos compilados por Daniele Wanderley. Salvador, BA: Editora Ágalma.

MATHELIN, C. (1999). *O sorriso da Gioconda : clínica psicanalítica com os bebês prematuros*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud.

MEZAN, R. (2006). *Freud : pensador da cultura*. Rio de Janeiro : Companhia das Letras.

NASIO, J.D. (2009). *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

QUINET, A. (2004). Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

RIBEIRO, P.C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo : Escuta.

ROCHA, Z. (1999). Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese – Rev. de Filosofia*, 26 (86), p.331-346.

WINNICOTT, D. (1967). O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: WINNICOTT, D. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: IMAGO Editora.